

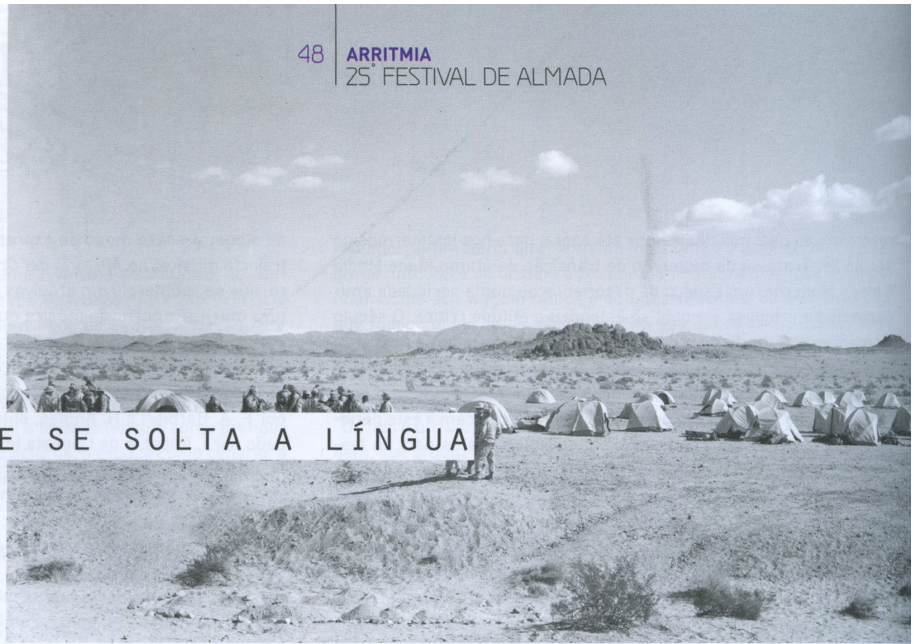


LE CID À LUZ EM QUE SE SOLTA A LÍNGUA

texto **Elisabete França**

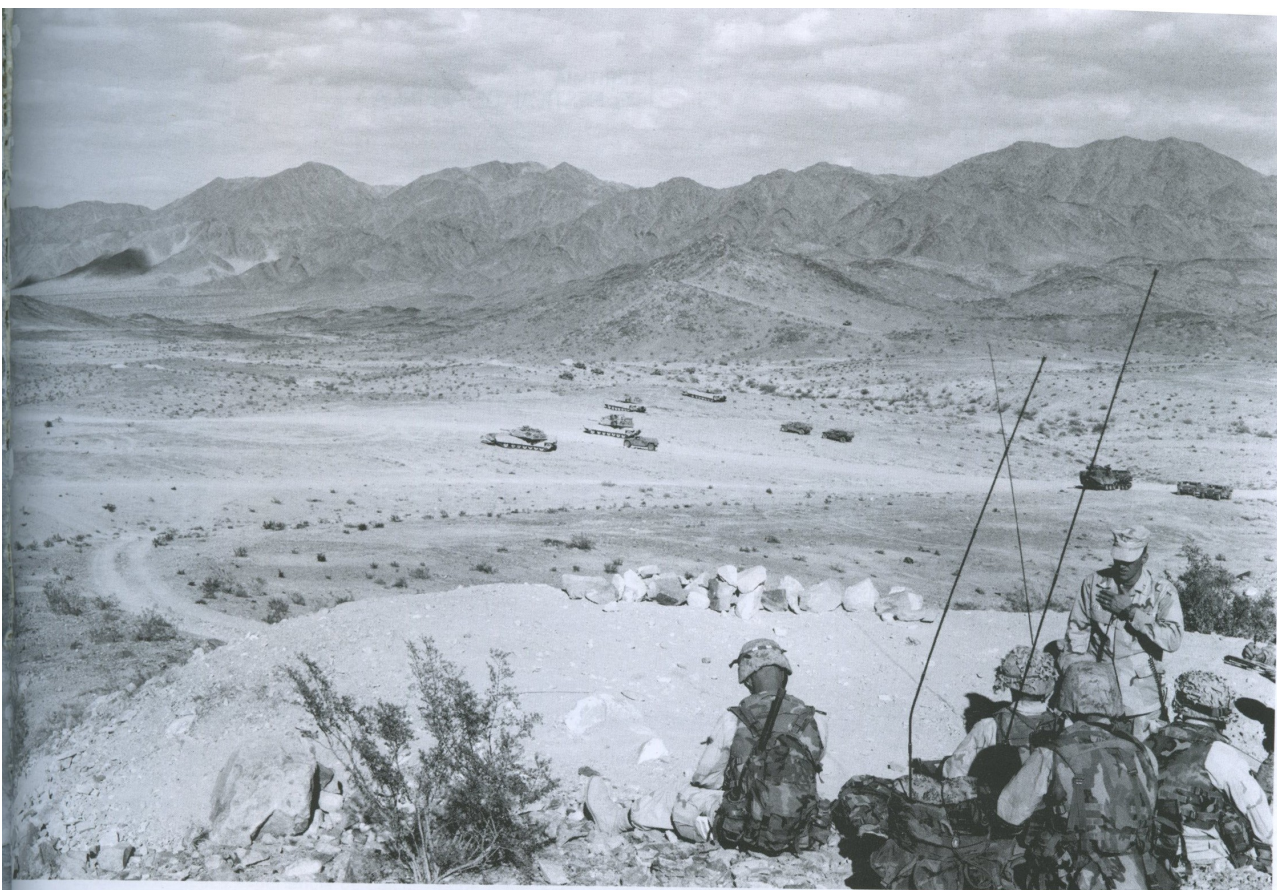
Após ter recriado *O Marinheiro* de Fernando Pessoa, em Almada, Alain Ollivier traz-nos *Le Cid* de Corneille, onde “se vê como a vida política podia ser posta em cena num teatro”, conforme disse à *OBSCENA*. Famosa peça do repertório clássico francês, *Le Cid*, de Pierre Corneille (1606-1684), pela companhia de Alain Ollivier, tem o Teatro Nacional D. Maria II no calendário de digressão, em duas sessões do Festival de Almada. A última encenação de Ollivier, como director cessante do Teatro Gérard Philipe de Saint-Denis (na periferia parisiense), é um trabalho depurado que dá todo o relevo ao texto e sua interpretação, num palco vazio, uma imensa pista de madeira (cenografia de Daniel Janneteau), sobre a qual decorrem os duelos desta tragicomédia, onde a honra é defendida pela espada, tal como o território, mas não o é menos pela palavra, esgrimindo argumentos dum novo de dilemas morais do par Don Rodrigue, *Le Cid* (Thibaut Corrion)/Chimène (Claire Sermonne), cujo amor fica atravessado e condicionado pela História.

O núcleo conflitual reside no duelo em que Rodrigue mata o conde, pai de Chimène e seu futuro sogro, defendendo a honra de seu próprio pai, ofendida por aquele, e deixando a noiva a clamar por vingança. Nesta intriga medieval, protagonizada por um herói da reconquista cristã com existência real no século XI (inspirou a epopeia fundadora castelhana *Cantar de Mio Cid* ou *Poema de Mio Cid* e outras obras como a de Guilhem de Castro, já no século XVII, em que se baseou Corneille), o dramaturgo francês faz ecoar os problemas políticos da França de seiscentos: externos, na defesa de avanços espanhóis; internos, na consolidação do poder real centralizador, sobre réstias de feudalismo e seus códigos. Em *Le Cid*, o poder do rei (John Arnold) exerce-se na moderação do conflito: “Vê-se como a manha e a sabedoria dum monarca podem resolver situações ‘a priori’ sem saída”, destaca-nos Alain Ollivier, mesmo sem achar a peça mais actual do que *Rei Édipo* ou *Hamlet*. Porque “o político passou à ordem do histórico” a tão longa distância temporal, como sublinha, o encenador considera “conveniente fazer uma leitura histórica esclarecedora”, para “investigar com os actores, do ponto de vista cénico, como isso pode intervir na interpretação”. “É o que interessa ao público actual: ver como a vida política podia ser posta em cena num teatro. É este vaivém, entre a nossa compreensão da vida política passada e o exercício da responsabilidade política presente e o que a cena corneilliana nos transmite desses dois aspectos, que representa um trabalho cultural”, declara. Mas, adverte, “esse trabalho só resulta se a representação der prazer aos espectadores: sem o prazer da emoção teatral, nada feito”.



Audição de poesia teatral

Em 2007, Alain Ollivier programou, para o Teatro Gérard Philipe – Centro Dramático Nacional, esta popular peça do património dramático francês, designadamente contra uma corrente europeia actual, de “desinteresse cénico pelas dramaturgias ditas ‘clássicas’, que reduz a competência dos actores de teatro e a relação do teatro com o público”. Trata-se, a seu ver, “de privilegiar uma cultura de ‘proximidade’, em detrimento duma cultura que seria ‘elitista’”. O que Ollivier defende, pelo contrário, é “a responsabilidade de os artistas cénicos apresentarem ao público as obras mais audaciosas da poesia dramática para que, justamente, elas não fiquem como privilégio duma minoria”, a par da “responsabilidade dos políticos, de possibilitarem que essas obras patrimoniais continuem vivas e actuaes, por meio do ensino e do apoio financeiro”. Porque “a poesia teatral é feita para ser ouvida”, acentua o encenador para quem o teatro é “luz em que se solta a língua”, como já escreveu. A concluir, este paralelo com o universo musical: “Ninguém estranha que a música de Mozart, Monteverdi ou Debussy seja interpretada no dia-a-dia e todos concordam que seria uma frustração e uma mutilação insuportável se essas obras deixassem de ser tocadas, nem que fosse por uma temporada.” **CE**



OS AUTORES MAIS REPRESENTADOS

Gil Vicente [14]; Federico Garcia Lorca [13]; Bertolt Brecht [12]; António José da Silva [10]; Samuel Beckett [9]; Molière, Shakespeare [8]; Goldoni, José Sanchis Sinisterra, Tchekhov [7]; Fernando Pessoa, Hélder Costa [5]; Carlos J. Pessoa, Fadel el Jaibi, Gilberto Mendes, Harold Pinter, Eugene Ionesco, Jean-Luc Lagarce, João Paulo Seara Cardoso, Thomas Bernard [4]; Almeida Garrett, Athol Fugard, Carlos Paulo, Dario Fo, Dima Vezzani, Eduardo de Filippo, Franz Kafka, Oscar Wilde, Spiro Scimone, [3]; Alfonso Sastre, Alfred Jarry, Amélie Nothomb, Antonio Onetti, Antonio Skármeta, Arne Sierens, Ascanio Celestini, Bernard-Marie Koltés, Carlos Martinez, Ésquilo, Fausto Paradivino, Francisco Manuel de Melo, George Pérec, Heiner Müller, Henrik Ibsen, Italo Calvino, Jacinto Lucas Pires, Jaime Salazar Sampaio, Javier Maqua, Jean Genet, João Mota, Jorge Silva Melo, José Jorge Letria, José Saramago, Júlio Salviatierra, Júlio Verne, Marcelino Mesquita, Mário Benedetti, Mário Henriques Leiria, Marivaux, Miguel Torga, Nicolás Buenaventura, Norberto d'Ávila, Pedro Paixão, Ramuz, Richard Demarcy, Romeu Correia, Ruzante, Stig Dagerman, Teresa Rita Lopes, Virgílio Martinho, Vladimir Mrozeck, Woody Allen [2]; Alain Platel, Arthur Miller, Antonin Artaud, Beumarchais, David Hare, Eduarda Dionísio, Edward Albee, Edward Bond, Eurípides, Fiana Hasse Pais Brandão, Gisela Cañamero, Howard Barker, Kleist, Maeterlink, Maria Rosa Colaço, Marius von Mayenburg, Marquês de Sade, Mia Couto, Pedro Almodovar, Pasolini, Plauto, Peter Brook, Paul Claudel, Pirandello, Racine, Regina Guimarães, Sophia de Mello Breyner, Yasmine Reza [1]

REVISITAR CORNEILLE

A encenação de Alain Ollivier para *Le Cid* de Corneille (sem rasto em palco nacional desde 1925) reata-nos o contacto cénico perdido, vai para dez anos, com a música barroca de versos alexandrinos lapidados pela oratória pujante do grande dramaturgo inaugural da época áurea da poesia dramática francesa. Desde que Nuno Carinhos encenou *A Ilusão Cômica* no Teatro São João, a fechar a década de 1990 – aberta pela mesma peça no Cendrev, em encenação de Fernando Mora Ramos –, durante a qual o verso de Corneille ressoou no Teatro do Bairro Alto, em encenações de Brigitte Jacques para a Comune-Pandora, da comédia de juventude *La Place Royale*, feita com a frescura dum filme da Nouvelle Vague, e do crepuscular *Sertório*, protagonizado por Luís Miguel Cintra, numa co-produção com a Cornucópia. Agora, a passagem por Lisboa do *Cid* (co-produção com Les Nuits de Fourvière, de Lyon) dá-se, casualmente, a par da publicação, pela Bertrand, da tradução da peça por Vasco Graça Moura, em edição bilingue. Para ler e saborear, além de ouvir. EF 